

**SEMIÓTICA  
DA  
IMAGEM  
PERCURSO DE ANÁLISE**

Para a Semiótica Discursiva a  
significação resulta da união de  
dois planos da linguagem:

o

***Plano da Expressão***

e o

***Plano do Conteúdo***

# Plano da Expressão

é a instância em que as qualidades sensíveis, as substâncias de expressão e demais elementos da linguagem assumem uma estrutura formal, em diferentes manifestações apreendidas por nós

## Plano do Conteúdo

é o lugar em que nasce a significação, o lugar onde as variações e diferenças se manifestam por meio do ordenamento das idéias, conceitos e valores inerentes à cultura para realizar os efeitos de sentido necessários ao nosso entendimento e compreensão

O sentido, ou significado, se dá pelas combinatórias, pelas relações *entre* os dois planos e o contexto, que se encontra a partir do próprio texto, a partir de sua Enunciação

A análise recai sobre o ***Discurso***, ou seja, o ***Texto Manifesto***, onde as idéias , valores e conteúdos são colocados em funcionamento na estrutura da linguagem ou da manifestação analisada, seja verbal, visual, sonora etc.

Apenas para constar:  
Uma Imagem é um texto

Para entender como um Texto  
significa, é necessário analisar o  
Discurso (sua manifestação)  
considerando o encadeamento  
realizado para construí-lo, a este  
encadeamento podemos chamar  
de

**“Percurso de Significação”**



O *Percurso de Significação* se refere à análise dos encadeamentos que ocorrem entre o Plano da Expressão e o Plano do Conteúdo, para descobrir de que modo o sentido se realiza, ou seja o *quê*, *a quem* e *como* o texto diz

A manifestação, ou seja, a colocação em discurso, depende de sua realização por meio de uma ocorrência que transforme o virtual em real, é a partir daí que a vemos como

**Enunciação**

A Enunciação pressupõe  
aquele que diz:

O

**Enunciador**

que, por sua vez, incorpora  
duas instâncias do discurso:

**Enunciador e Enunciatário**

(o que diz e a quem se diz)

O *Enunciador* reúne os procedimentos discursivos, dando-lhe forma mediante os valores, argumentos e dispositivos da cultura configurando o discurso que carrega em si a significação

Para que se entenda o  
*Percurso da Significação* há  
que vê-lo de um modo  
acessível à compreensão,  
neste caso, ele é visto como  
uma  
**Narrativa**

*A Narrativa* é o encadeamento de ocorrências formais, como uma seqüência ordenada, cujo objetivo é operar valores e conquistas com vistas à sanção dos sujeitos da enunciação

No Programa Narrativo é que o *sujeito* da narrativa assume um *contrato*, é *manipulado* para aquisição da *competência* necessária para a realização da *performance* e obtenção da *sanção*

A manipulação consiste num compartilhamento de valores entre sujeitos, o que manipula e o que é manipulado. Há três tipos de

manipulação:

Provocação

Sedução

Intimidação e

Tentação



Na Narrativa se encontram os  
modos de constituição das  
Pessoas, do Tempo e do  
Espaço, cujas estratégias vão  
dar-lhe veracidade

Na Imagem, enquanto texto,  
como podemos identificar  
aquilo que chamamos de  
Narrativa?

Considerando a imagem como um texto manifesto, constituída por um plano de expressão e um plano de conteúdo, vamos observar como estas duas instâncias se apresentam numa imagem



Auerbach, Head of J.Y.M. III 1981

O plano da expressão corresponde aos aspectos plástico-visuais da manifestação, ou seja, às qualidades sensíveis observadas por meio das substâncias de expressão usadas e dos modos como estas substâncias são articuladas na configuração da imagem como tal

Neste caso, podemos observar  
os aspectos sensíveis  
manifestos por meio dos  
elementos plásticos  
identificáveis como:

Luminosidade  
Espacialidade e  
Temporalidade

No que diz respeito à  
luminosidade podemos analisar  
os valores tonais e cromáticos,  
e verificar como estes  
elementos aparentam na  
imagem as suas qualidades  
sensíveis

Além disso, podemos ainda observar que tipo de material é revelado pela imagem, como também, o modo como este material se revela



Neste caso, há um componente matérico importante, revelado pela textura, como também um componente gestual bem definido e marcado na superfície da imagem pela orientação das pinceladas

Quanto aos aspectos espaciais, podemos observar que há uma delimitação da superfície pelo próprio suporte onde a imagem está instaurada, respeitando o limite da figura plana quadrangular em que reside

Contida nesse limite, praticamente centralizada, há uma figura que se assemelha ao busto humano, revelando a cabeça e parte superior do tronco. A idéia de centralização se faz pela equidistância mantida pela figura em relação às bordas ou lados do quadrado

Esta figura dialoga com o restante da área por meio da textura que ocupa toda a imagem, cuja distinção é pouco nítida entre a figura e o fundo, a separação ocorre, tanto pela variação cromática, quanto pela orientação da pincelada que varia a textura. Não há contornos ou fronteiras definidas ou delimitadas claramente

No que diz respeito à  
temporalidade, podemos  
discorrer a respeito do percurso  
do olhar, por exemplo, que  
orienta a leitura no percorrer da  
imagem no campo de  
visualidade

Podemos ainda discorrer a respeito da continuidade ou descontinuidade, o ritmo, a cadência ou os ataques marcados pelas pinceladas na superfície da tela, a fragmentação do olhar gerado por estas mesmas marcas na textura exposta pela imagem

Todos estes aspectos dão  
conta dos componentes  
estéticos destas informações  
que, na instância do conteúdo,  
deve se revelar como um  
componente do próprio sentido,  
ou seja, sua significação

Tomando agora como referência o plano do conteúdo, podemos partir da observação de como, certos aspectos da configuração plástica, implicam, interferem ou explicitam o processo significativo



Em primeiro lugar podemos  
focar as estratégias da  
constituição da imagem em  
busca das estratégias de  
construção dos seus  
significados

Cabe ressaltar, que esta proposição é apenas analítica, já que plano de expressão e plano de conteúdo constituem uma só unidade, apenas distintos no contexto da análise, pois, no mundo natural, um e outro não se distinguem

Este é o caráter da ***semiótica discursiva***, o desenvolvimento de uma ***metalinguagem*** para analisar as diferentes ocorrências textuais em busca da significação



Voltando à imagem para relembra-la

A observação do plano da expressão nos proporcionou informações à respeito da constituição da imagem, cabe perguntar: Quais são as constantes e quais são as desta constituição?

Observando com vagar, vamos detectar uma das constantes é o próprio tema, uma figura antropomórfica, a segunda constante é o modo como a obra como um todo, e não apenas a figura, é realizada

Observe-se que as pinceladas são curtas, pastosas e seguem orientações divergentes em relação umas às outras. Não há uma unidade de direção no seu conjunto, ou seja, existem diferentes pinceladas em diferentes direções

Pinceladas estacadas,  
arritimadas, curtas, longas,  
semi-longas, retas, curvilíneas,  
adensadas, diluídas,  
destacadas, fundidas etc.



Se há um elemento estável em relação ao tema da figura “antropomorfizada”, há um elemento instável quanto ao modo como a figura é mostrada, pode-se dizer que há um jogo entre o estável e o instável. A figura é modelada, ou plasmada por meio dos desencontros gestuais

O que se mostra não é necessariamente a figura mas sim a instabilidade com que esta figura existe. A relação entre a distensão da figura e a tensão das pinceladas é o elemento gerador desta instabilidade, inconstância

A figura mostrada não possui detalhes ou elementos que necessariamente a identifiquem nem como humana, tampouco como um indivíduo em especial, portanto é um ser qualquer, qualquer um

Ao não se distinguir um entre tantos, não se individualizar, não se fala do particular e sim do geral, e o geral “antromorfizado” é o humano, portanto, é o humano que se mostra fragmentado, rompido, dividido, doído, doído, atomizado, dicotomizado, destruído

Neste caso, estamos  
produzindo *uma* leitura entre  
tantas outras possíveis

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo, Ática, 1990
- FLOCH, Jean-Marie. Alguns Conceitos Fundamentais em Semiótica Geral, São Paulo, CPS, 2001
- GREIMAS E COURTÉS. Dicionário de Semiótica. São Paulo, Cultrix, 1979
- OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves (org.). Semiótica Plástica. São Paulo, Hacker, 2004
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. Semiótica Visual. São Paulo, Contexto, 2004